

LITERATURA PARA INFÂNCIA E AUTORITARISMO: RELEITURAS FACISTAS DE PINÓQUIO

CHILDREN'S LITERATURE AND AUTHORITARISM: FACIST REINTERPRETATIONS OF PINOCCHIO

Heloisa Sousa Pinto Netto

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

heloisaspnetto@hotmail.com

Resumo: O presente artigo aborda as releituras da obra *Pinóquio* (1883), comumente denominadas *pinocchiate*, enredos breves que foram publicados na Itália após a morte de seu autor, o jornalista e escritor Carlo Lorenzini, mais conhecido por Carlo Collodi (Florença, 1846-1890). O que motivou este exame foram os questionamentos acerca do valor simbólico da literatura para infância, de seu aspecto permeável a diferentes ideologias e de sua sujeição a diversos tipos de apagamentos, especialmente ao longo do século XX quando estados autoritários encabeçaram ações capazes de questionar a própria noção de civilização ou humanidade. Governos de caráter autoritário tendem a tomar a educação escolar como canal de cooptação aos seus regimes e, por consequência, os livros de leitura escolar se transformam em vetores modelares para que tal arregimentação se efetive. As derivações da obra *Pinóquio* destinadas ao uso escolar cujos enredos tomaram por base ideais defendidos pelo regime fascista italiano encabeçado por Benito Mussolini (Forlì 1883 – Mezzegra 1945) são exemplos concretos destes veículos de doutrinação.

Palavras-chave: *Pinocchiate*; *Pinóquio*; Fascismo; Literatura para infância

Abstract: This article deals with the reinterpretations of *Pinocchio* (1883), commonly called 'pinocchiate', brief stories that were published in Italy after the death of its author, the journalist and writer Carlo Lorenzini, better known as Carlo Collodi (Florence, 1846-1890). What motivated this study were the questions about the symbolic value of children's literature, its aspects permeable to different ideologies, and its subjection to different types of erasures, especially throughout the 20th century, when authoritarian states led actions capable of questioning the very notion of civilization or humanity. Authoritarian governments tend to take school education as a channel for co-opting the youth to their regimes and, consequently, school books became vectors for such regimens. The derivations of *Pinocchio* intended for school use, whose plots would be based on ideals defended by the Italian fascist regime headed by Benito Mussolini (Forlì 1883 - Mezzegra 1945) are concrete examples of these vehicles of indoctrination.

Keywords: *Pinocchiate*; *Pinocchio*; Fascism; Children's literature



1 Introdução

Não deixa de ser um desafio lidar com um objeto que ocupa espaço lateral na história da cultura e sobre o qual não há consenso nem mesmo em termos de definição ou competência. Sendo a literatura para infância

um objeto carregado de dubiedade no que diz respeito à representação hegemônica de sua função social, e seus destinatários, as crianças, atores sociais e históricos marcados pela subalternidade, sua investigação torna-se marginal mesmo nos espaços institucionais em que os pesquisadores conseguem aferir alguma legitimidade ao seu estudo. (HANSEN, 2016, p. 135).

Como bem apontam Lajolo e Zilberman (2007, p. 17), “trata-se de uma literatura *para*”, isto é, que visa um mercado específico, o infantil, “cujas características precisa respeitar e mesmo motivar, sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação e consumo”. As duas autoras afirmam ainda que a literatura para infância “depende também da escolarização da criança, e isso a coloca numa posição subsidiária em relação à educação” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17). O papel da escola é determinante para o acesso da criança ao universo literário e não há dúvida que a literatura para infância contribui no desenvolvimento infantil e para a formação escolar, não só por seu caráter preponderantemente edificante, mas por ser um canal efetivo para o estímulo à imaginação. Entretanto, por mais que recorram a recursos narrativos e à liberdade de imaginação, os textos dirigidos à infância deixam “transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.17), o que implica em dizer que os propósitos de tal estímulo podem variar de acordo com interesses políticos, ideológicos, religiosos e mesmo de mercado. Ainda segundo Lajolo e Zilberman (2007, p.19), o escritor, invariavelmente um adulto, busca a adesão sentimental da criança através da incorporação ao texto de seu universo afetivo e emocional. Estes dois movimentos, segundo as autoras, não são necessariamente contraditórios, “pois a visão do adulto pode se complementar e fortalecer com a adoção da perspectiva da criança”. Nem sempre tal associação é construída desinteressadamente, como denotam as *pinocchiate* fascistas. Nelas, os autores/adultos buscam por meio de seus textos a adesão da criança ao regime autoritário vigente, ao qual eles, autores, estão vinculados ou tem interesse em apoiar, e o fazem através da apropriação de um símbolo da literatura para infância italiana, o boneco Pinóquio.

O pesquisador pode examinar a literatura para infância como fonte de pesquisa e analisá-la em seus aspectos externos – sociais, econômicos, políticos, culturais –, ou pode tomá-la como objeto de pesquisa e a partir de seus aspectos internos ou formais analisá-la em sua realização estética. Ainda que a condição da literatura para infância possa ser, por vezes, subestimada, neste trabalho ela será tratada como potencial material para a produção de conhecimento histórico por oferecer indícios sobre os parâmetros vigentes nas sociedades em que circulam, especialmente porque transita entre os setores público, isto é, a escola, e privado, a família. Examinar a literatura para infância através de lente sócio-histórico-política, tomando como critério de análise períodos cujos regimes autoritários a utilizaram como meio de propagação de suas ideias, permite refletir sobre o quanto práticas conservadoras e excludentes podem interferir na formação escolar e no caráter dos futuros cidadãos e na sua futura compreensão de mundo e das relações sociais. Além disso, é tema que adquire relevância na

contemporaneidade, quando ideias que atacam as conquistas democráticas e igualitárias ganham perigosamente visibilidade.

2 Pinóquio e seu contexto¹

Vista do ângulo histórico, a literatura destinada às crianças nasce, com efeito, durante o século XIX em paralelo ao surgimento de uma nova noção de infância, enfim percebida como um período distinto da idade adulta. Na Itália, a afirmação da produção literária para os pequenos se dá nas últimas décadas do século, quando, finda a Unificação, entram na pauta governamental planos de alfabetização em massa e ganham impulso os setores editorial e jornalístico dirigidos aos leitores infantis. Vários editores identificaram o terreno fértil que se constituía e decidiram dirigir seus esforços para a produção de coleções de livros escolares, especialmente àqueles de leitura, considerados veículos eficientes para o ensino da língua italiana padrão, a toscana, e para a formação da identidade nacional unitária. Duas vertentes se afirmaram a partir de então, uma mais vinculada ao terreno da fábula e outra ao realismo educativo, herdeiro da cultura pedagógica que preponderou no século XIX. Tais vertentes se opunham à primeira vista, no entanto “foi a síntese das duas formas que caracterizou boa parte da produção para infância italiana daquele período, promovendo uma complexidade literária e educativa que se desdobrava entre pedagogia exemplar e estímulo à imaginação” (NETTO, 2019, p. 73).

É neste contexto que surge a produção para infância de Collodi, cuja realização maior é *Pinóquio*, obra que traz as aventuras de um boneco moldado a partir de um pedaço de madeira mágica por Gepeto, um velho carpinteiro praticamente sem recursos. Concebida como uma fábula do homem moderno, a trama mostra um herói de caráter ambivalente que cumpre um percurso de formação que se desdobra entre controle e liberdade. O enredo fabular funde real e maravilhoso: Pinóquio fala, corre, brinca, como qualquer garoto, mas ainda assim é uma marionete, embora não tenha fios que a prendam. Ele é desobediente, teimoso, insaciável. E costuma fugir da escola, priorizando as brincadeiras aos compromissos. Quando o boneco mente e não assume seus erros, seu nariz cresce um pouco. A capacidade de criar cenas divertidas e ao mesmo tempo pungentes é, por certo, um dos pontos fortes do livro. Entretanto, as atitudes insolentes e a rebeldia de Pinóquio são relativizadas pelo narrador, que aparentemente se compraz com o comportamento do protagonista. Os infortúnios decorrentes de suas peripécias são muitos, contudo ele sempre conta com o perdão de Gepeto, com os conselhos do Grilo Falante e com a complacência da Fada dos Cabelos Azuis. Pelo intermédio desta é que Pinóquio se tornará finalmente um menino de verdade, de carne e osso, responsável e obediente.

Em *Pinóquio* não há indulgência com as faltas e tampouco é subestimada a condição degradante que quem erra está sujeito a atingir. Ainda que o boneco aprenda a não mais se aproveitar da ingenuidade alheia, a obra está repleta daqueles que tiram vantagens dos outros sem demonstrar arrependimento. Casos do Gato e da Raposa, que se aproveitam da credulidade de Pinóquio para roubar suas moedas de ouro e do cocheiro que atrai os meninos ao País dos

¹ A trajetória intelectual do escritor e jornalista italiano Carlo Collodi, tendo o contexto histórico e cultural da Itália como pano de fundo e como fio condutor o processo de formação da nação e do próprio cidadão italiano orientado a partir do projeto educacional preconizado pelo Ressurgimento, do qual a literatura para infância foi alicerce, foi tema de minha tese de doutorado, defendida em 2019 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. A obra *Pinóquio*, por sua relevância, ganhou subcapítulo exclusivo no referido trabalho.

Brinquedos, onde eles serão transformados em burricos e explorados de forma inescrupulosa. O limite da exemplaridade será atingido com Pavio, o companheiro de escola que, convertido em burrico, morre de tanto trabalhar. A presença do trabalho e da escravidão infantil são, a propósito, questões presentes na trama. Conforme Poettinger (2011, p. 13), a Itália unitária não derrotara a pobreza e pais vendiam ou cediam os filhos para exploração de todo tipo ou deixavam suas crianças ao deus-dará para que vagassem pelas ruas a mendigar, a praticar pequenos furtos ou a fazer serviços menores em troca de um pedaço de pão. Aliás, a fome é representada de forma importante na obra: o faminto boneco é a metáfora da desnutrição infantil que assolava a população empobrecida.

A infância em Carlo Collodi é representada por uma oposição: de um lado está a infância burguesa e de outro a popular, a primeira em toda sua formalidade resignada, a segunda plena de indignação inconformada e tendo como síntese o *ragazzo di strada*². Segundo Cambi (1984, p. 40), o *ragazzo di strada* de Collodi é filho do povo e, embora seja pobre, não é uma criança privada de infância ou degradada. Sua marca decorre de sua condição social, pois pobreza e transgressão são os parâmetros deste tipo de infância, e estes são parâmetros sociais. Ainda assim, mesmo referindo tantos aspectos duros da realidade italiana, a obra vem atravessada por um otimismo singelo: Pinóquio é capaz de tomar caminhos errados e cometer atos condenáveis sem sentir remorso, mas isso não faz dele um boneco insensível. Coragem e generosidade movem algumas de suas atitudes, como quando sem hesitar se joga ao mar para salvar Gepeto do imenso tubarão branco³ ou enfrenta o gigante Come Fogo para salvar seu amigo Arlequim.

3 O fascismo italiano e a cooptação da infância

A experiência italiana na Primeira Guerra desmantelou a economia e acentuou a fragmentação política. Inicialmente tomado por um movimento sem maior expressão ou que apresentasse real possibilidade de vir a se tornar uma força política importante, o fascismo foi rapidamente angariando adeptos entre as classes medianas das cidades e dos campos ao adotar um discurso antissocialista e anticomunista e ao tecer críticas ao liberalismo. Opondo-se a este e ao comunismo, do qual tomou a concepção de revolução, o fascismo se apresentou como uma terceira via, capaz de transformar a sociedade então vista pelo movimento como um organismo degradado.

A posição de resistência aos ideais socialistas preconizada pelas elites italianas fez com que o avanço do fascismo fosse facilitado. Em face da nova situação política na Rússia, os grandes proprietários e industriais italianos julgavam o fascismo um mal menor e Mussolini um mero instrumento para garantir a tranquilidade das elites. Sua ascensão contou, por isso, com a benção da monarquia e com o apoio explícito de alguns e implícito de outros, tanto do setor político quanto da intelectualidade italiana, todos certos de que freada a ameaça comunista o fascismo poderia ser dispensado. Conforme Sassoon (2009, p. 145), quando Mussolini chegou ao poder em 1922 recebeu a aprovação empolgada de nacionalistas e da direita em geral e a aquiescência resignada dos liberais. Para todos estes, antes Mussolini, o mal necessário, do que

² Menino de rua.

³ No enredo original Gepeto e Pinóquio são engolidos por um *pescecane*, ou seja, um tubarão branco. Na versão cinematográfica da Disney o animal aparece transformado em baleia, imagem que passou desde então a preponderar nas adaptações da obra.

a esquerda. Adiante, em 1929, acrescenta Sassoon (2009, p. 152), a Igreja sucumbiria ao regime fascista ao ter reconhecida pelo governo a almejada soberania do Vaticano. Conforme Duggan (2016, p. 234), em deferência à Igreja, indenizações foram pagas, o catolicismo voltou a ser considerado religião de Estado e o ensino da doutrina católica retornou às escolas.

O fascismo se apoiava numa ideia de "vontade geral", de massa de pessoas agindo juntas para um propósito nacional transcendente. O regime evocava uma sociedade perfeita, uma realidade utópica, pelas quais o indivíduo deveria se sacrificar. Mussolini se valia desta retórica sacrificial para convocar manifestações públicas de lealdade à nova ordem. Por meio de discursos inflamados mantinha afirmada e sob controle a soberania popular, isto é, oferecendo ao povo um meio aparentemente real de participação no processo político, que fazia os italianos se sentirem integrantes de uma comunidade verdadeira e legítima, mascarava a manipulação ideológica. Para o fascismo, a liberdade de agir de acordo com a vontade individual era uma porta para a degeneração, sem o Estado o indivíduo se perderia. A personificação do Estado se deu através do chamado "culto ao Duce", que levou Mussolini "a um processo de quase deificação" (Duggan, 2016, p. 250). Segundo George Mosse (1999), era a própria estética fascista que refletia as necessidades e experiências da sociedade, contribuindo para que o fascismo se transformasse em uma espécie de religião cívica.

A construção de um mito de renovação, de renascimento, de um novo começo da nação foi base do discurso fascista e dinâmica fundamental para a instauração e permanência do regime⁴. O processo de recriação da nação se deu de forma simbólica através da escolha dos passados que mais convinham ao discurso fascista (a mítica Roma Antiga, o heroísmo dos que lutaram pela unificação, o nacionalismo defendido pelo Ressurgimento). Para a afirmação de tal discurso, nada mais apropriado do que tomar a criança como meio de regeneração da pátria. Neste sentido, a institucionalização da ideologia fascista através da tomada das máquinas do Estado, sobretudo a educativa, encaminhou para a legitimação do regime e de suas ações⁵. Mussolini foi hábil ao convocar a juventude italiana a fim de torná-la a base de seu movimento. Os jovens rapazes fascistas viam a si próprios como representantes de uma cruzada épica em favor da reconstrução do país. A ressignificação do sentido de liberdade a partir da noção de "pátria" foi constantemente evocado para fortalecer a nação. O fascismo apontava para a criação de um homem novo e desde muito cedo as crianças iniciavam sua formação galgando diferentes níveis de doutrinação. Aos quatro anos já eram denominados "filhos ou filhas da loba".⁶

A partir de 1926, as organizações jovens do PNF assumiram uma importância crescente quando foram reunidas em uma instituição única, a *Opera Nazionale Balilla*, que compreendia a *Balilla* (para meninos de oito a quinze anos), a *Avanguardie* (de quinze a dezoito) e a *Piccole Italiane* (para meninas). A ênfase ficava com o esporte, mas havia também um elemento paramilitar forte, com uniformes, paradas e comícios, exposições de ginástica e muita propaganda para alimentar a lealdade e o orgulho pela nação (e ao PNF). (DUGGAN, 2016, p. 252-253).

Uma das características do fascismo é naturalizar a violência. Desde o início os atos truculentos de seus seguidores foram tolerados pela sociedade e pelas autoridades.

⁴ Roger Griffin se refere ao processo de renovação como "mito palingenético" (de palingênese: palin-novamente e gênese-criação, nascimento). GRIFFIN, R. *The nature of fascism*. New York: Routledge, 1991, p. 56.

⁵ Ver DUGGAN, C. *História concisa da Itália*. Tradução: Natália Petroff. São Paulo: Edipro, 2016, p. 256-257.

⁶ Nome que evoca um emblema da Roma Antiga: o mito da loba que amamentou Rômulo e Remo.

Os *fascisti* estavam ensinando aos italianos, e especialmente à burguesia, que a violência era legítima, já que o Estado era por demais fraco, corrupto e covarde para impor sua vontade, fazendo uso do monopólio da força de que dispunha. Era necessário, portanto, estabelecer um Estado paralelo, não para destruir o antigo, mas para fortalecer seu modo de agir. (SASSOON, 2009, p. 124).

Quando ao fim de cinco anos o regime se transformou efetivamente em ditadura, as ações violentas passaram a ser ratificadas pelo Estado.

Nesse momento, numa combinação de brutalidade e procedimentos legais questionáveis, os adversários do fascismo — socialistas, comunistas, sindicalistas, liberal-democratas e os poucos conservadores que haviam se arrependido do apoio inicial ao fascismo — foram eliminados, destituídos de todo poder, espancados nas ruas por esquadrões fascistas, forçados a se exilar ou encarcerados (SASSOON, 2009, p. 20).

Segundo o filósofo e jornalista italiano Paolo Flores D'Arcais (2011), a ditadura fascista preconizou a violência paramilitar: grupos armados ateavam fogo às sedes dos sindicatos, dos partidos de esquerda e das associações populares e colecionavam vítimas de espancamentos brutais. Um dos atos comuns protagonizados pelos fascistas, especialmente nos anos iniciais do regime, era o de forçar os adversários a beber óleo de rícino, o que só fazia acrescentar humilhação ao ato de violência. Por mais descabidas que possam significar aos olhos de hoje, práticas deste tipo foram incorporadas e naturalizadas pela literatura para infância.

4 As *pinocchiate* fascistas⁷

As *pinocchiate* circularam por décadas e em grande número, recorrendo temas diversificados. Somente a casa editora Nerbini, de Florença, publicou mais de sessenta histórias protagonizadas pelo boneco de madeira criado por Carlo Collodi. As primeiras *pinocchiate* surgiram logo após a morte do autor, com enredos criados a partir de personagens identificados por laços de parentesco com o protagonista Pinóquio⁸. Naquela altura as aventuras do boneco de madeira já gozavam de amplo reconhecimento por parte do público leitor ao qual o livro fora destinado, o que significa dizer que publicar continuações ou recriações da obra de Collodi passava a ser uma atividade economicamente atraente.

Boa parte das releituras da obra maior de Collodi tem na produção literária de Emilio Salgari (1862-1911) uma importante referência. Seguindo o modelo das aventuras salgarianas,

⁷ No Brasil, um dos poucos trabalhos que menciona as *pinocchiate* fascistas é a dissertação de mestrado de Juliana Venera Inacio, intitulada *Pinóquio no Brasil: estudo dos paratextos das traduções do século XXI*, defendida em 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Na Itália, a tese de doutorado de Nicoletta Peluffo, intitulada *Le avventure di Pinocchio: narrativa transmediale e parodia* e defendida em 2019 pela IULM, faz igualmente referência aos textos inspirados em *Pinóquio*. Já na Bélgica, com a dissertação de mestrado de Katrijn Vercauteren, defendida em 2010 na Universidade de Gent, na área de Letras – Língua e Literatura franco-italiana, intitulada *Le avventure di Pinocchio durante il ventennio fascista*, as *pinocchiate* fascistas foram tomadas como centro de um estudo acadêmico. Luciano Curreri é a maior referência no que tange ao material que serviu aos propósitos do regime fascista de Benito Mussolini. O estudioso realizou um trabalho importante ao recuperar os quatro textos mais representativos publicados entre 1923 e 1944 e não é exagero dizer que foi a partir da publicação de seu livro que o tema adquiriu maior projeção. Em 2017 Luciano Curreri publicou ainda *Play it again, Pinocchio. Saggi per una storia delle "pinocchiate"* [Play it again, Pinóquio. Ensaio para uma história das 'pinocchiate'].

⁸ Entre outros, Oreste Boni publicou em 1893 *Il figlio di Pinocchio* [O filho de Pinóquio], adiante, em 1898, foi a vez de Ettore Ghiselli publicar *Il fratello di Pinocchio* [O irmão de Pinóquio] e em seguida dele, em 1901, surgiu *Il cugino di Pinocchio* [O primo de Pinóquio], escrito por Augusto Piccioni. Cf. PELUFFO, 2017-2019, p. 155.

várias peripécias de Pinóquio se desenrolam em lugares distantes e exóticos. O jornalista e escritor Giuseppe Petrai publicou *Pinocchio in Cina* [Pinóquio na China] e *Pinocchio nell'Alaska* [Pinóquio no Alasca]. Bettino D'Aloja escreveu *Pinocchio a Ceylan: avventure straordinarie del celebre burattino* [Pinóquio no Ceilão: aventuras extraordinárias da célebre marionete], *Pinocchio nella Malesia: avventura di terra e di mare* [Pinóquio na Malésia: aventura na terra e no mar], *Pinocchio in Siberia: avventure... ghiacciate* [Pinóquio na Sibéria: aventuras... geladas] e *Pinocchio in India: racconto d'avventure per ragazzi* [Pinóquio na Índia: contos de aventuras para garotos], os dois últimos os únicos com data de publicação no catálogo da Nerbini: 1928. Até mesmo uma viagem à lua faz parte do conjunto das *pinocchiate*: escrito por Vittorio Lucatelli, *Pinocchetto dalla luna* [Pinoquinho na lua] foi publicado em 1932 pela Bietti, di Milão. Nas estórias em que aparece como protagonista Pinóquio também se dedica a diferentes atividades: é astrônomo, inventor, ciclista, explorador, professor de geografia, boxeador e, é claro, corsário, como Sandokan, o herói salgariano. A tradição literária italiana também foi visitada: Pinóquio viaja na companhia de Dante Alighieri pelos três níveis que compõem a *Divina Comédia*: inferno, purgatório e paraíso. Alguns textos inspirados em *Pinóquio* foram publicados com a intenção de arregimentar jovens ao regime fascista. O já citado Giuseppe Petrai publicou em 1923 *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista* [Aventuras e expedições punitivas de Pinóquio fascista] e em 1927 saiu *Pinocchio fra i balilla. Nuove monellerie del celebre burattino e suo ravvedimento* [Pinóquio entre os 'balilla'. Novas estripulias da célebre marionete e sua conversão], de Gino Schaitti, ambos editados pela Nerbini. Já o livro *Pinocchio istruttore del Negus* [Pinóquio instrutor de Negus], de 1939, saiu pela Marzocco e não tem seu autor identificado, enquanto *Viaggio di Pinocchio* [Viagem de Pinóquio], de 1944, ganhou edição pela Erre e refere como autor Ciapo. O pequeno romance *Pinocchio... Un altro mondo!* [Pinóquio... Um outro mundo!], de Palmira Malesi-Fanti foi publicado em 1938 pela Società Editrice Internazionale⁹.

Os livros *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista* e *Pinocchio fra i balilla* dizem respeito aos acontecimentos políticos e sociais do período inicial do governo fascista. Entre os temas preferidos desenvolvidos nos enredos estava a luta contra o grande inimigo, o comunismo. O livro *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista* narra as ações do boneco, que vive com o pai adotivo, um sapateiro patriota e ex-combatente nas Guerras de Independência, tendo em mente a obtenção da carteirinha de fascista. Em sua primeira ação ele impede a publicação de um periódico comunista roubando as provas de impressão da gráfica responsável e na segunda ele sai à caça de comunistas levando nas mãos vidros de óleo de rícino e de malva. As continuações de *Pinóquio* ligadas ao fascismo também estimulavam as crianças para que se tornassem verdadeiros *balilla*¹⁰. A trama de *Pinocchio fra i balilla* tem início com as estripulias que mantém o boneco longe da escola e da disciplina fascista. A empolgação e o orgulho de um amigo *balilla* levam Pinóquio a refletir sobre a possibilidade de se tornar ele também um jovem adepto ao regime. A distribuição de chocolate e o acesso gratuito ao cinema estão entre os recursos utilizados pelo companheiro para o convencimento de Pinóquio.

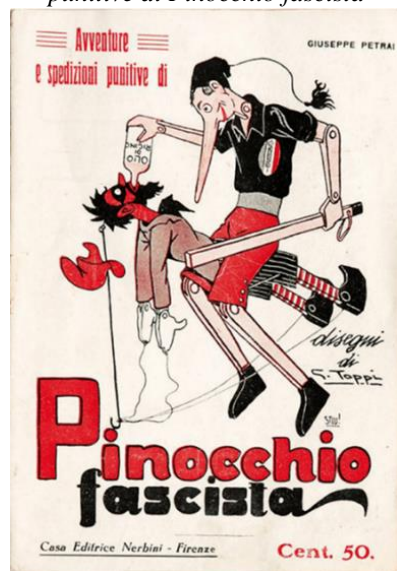
⁹ Os cinco textos citados foram reunidos no livro *Pinocchio in camicia nera. Quattro "pinocchiate" fasciste* [Pinóquio em camisa negra. Quatro 'pinocchiate' fascistas], publicado em 2008 pela Nerosubianco, de Cuneo, com organização e aparato crítico de Luciano Curreri, professor da Università de Liège. Os quatro primeiros aparecem integralmente e o último de forma parcial.

¹⁰ É importante salientar que a literatura para infância é atravessada por questões de gênero, sendo comum a diferenciação entre enredos para meninas e para meninos. No caso das *pinocchiate* isto é relevante: os enredos são dirigidos aos meninos fascistas.

As conquistas na África estiveram presentes nas continuações fascistas através de *Pinocchio istruttore del Negus*, de 1939. Pinóquio, um auxiliar de confeitaria, após ter derramado sobre si um caldeirão de chocolate sai correndo em disparada enquanto seu patrão o chama, aos gritos, de abissínio, por causa da coloração que tomou. Um inglês que vê a cena se impressiona com a aptidão do boneco para corrida e, acreditando que Pinóquio vem do país africano, acaba por levá-lo a Abissínia para treinar os soldados daquele país, então aliado da Inglaterra, para que superassem o exército italiano. No fim Pinóquio é localizado e salvo por um avião italiano após ter chamado a atenção agitando com ímpeto a bandeira tricolor. *Viaggio di Pinocchio* se insere no contexto da última tentativa do fascismo de refundação da pátria, a República de Salò¹¹, e não faltam menções ao herói nacional Giuseppe Garibaldi. No decorrer de suas aventuras e infortúnios, Pinóquio se depara com soldados que estão abandonando a luta fascista, aos quais tece críticas contundentes. É o enredo mais próximo do original, tanto em relação aos acontecimentos quanto por retomar personagens criados por Collodi. Já *Pinocchio... Un altro mondo!* é ambientada entre missionários na China. Segundo Curreri (2008, p. 135), é uma narrativa que, embora remeta ao aspecto propagandista do regime fascista, e ainda se coloque como meio difusor do catolicismo, se identifica fundamentalmente com as *pinocchiate* do gênero aventura.

A capa do primeiro livro mostra um Pinóquio que não esconde o sorriso enquanto enfia goela abaixo do barbudo comunista um vidro de óleo de rícino. A camisa negra dos fascistas e um arremedo de cassetete compõem o visual do boneco. A segunda capa demonstra o orgulho que o boneco sente por ser um *balilla*, a terceira mostra Pinóquio chutando Negus¹² e na última Pinóquio aparece sendo levado para a prisão.

Figura 1 – Capa do livro *Avventure e spedizioni punitive di Pinocchio fascista*



Fonte: Petrai (1923). Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Pinocchio-fascista-Petrai-1923_fig3_335292737.

Figura 2 – Capa do livro *Pinocchio fra i balilla*



Fonte: Schizzo (1927). Disponível em: <http://ilkim.it/pinocchiate-fasciste/>.

¹¹ República de Salò ou República Social Italiana, “estado” governado por Mussolini entre 1943 e 1945. Salò é um município na região de Brescia, na Lombardia.

¹² Negus: título real na Abissínia, hoje Etiópia.

Figura 3 – Capa do livro *Pinocchio istruttore del Negus*



Fonte: Autoria desconhecida. Disponível em: <http://www.raiscuola.rai.it/gallery-refresh/il-mito-di-pinocchio/879/4/default.aspx#header>.

Figura 4 – Capa do livro *Il Viaggio di Pinocchio*



Fonte: acervo da autora.

Os textos que retomaram a obra maior de Carlo Collodi, embora a tenham adaptado a diferentes contingências, nem sempre se organizaram de forma estritamente narrativa ou mesmo atingiram efetiva realização estética. Para Curreri (2017, p. 2), as *pinocchiate* podem ser dispostas conforme duas tendências opostas: uma de linha futurista-fascista, que desnatura a predisposição à aventura que caracteriza o boneco criado por Collodi e reforça sua adesão ao regime mussoliniano, outra de filiação salgariana, voltada essencialmente ao universo fantástico, exótico e aventureiro, que mantém a original tendência anárquica do boneco. Segundo o estudioso, a relevância deste material é conferida por sua condição de registro histórico, social e cultural, caráter que pode ser identificado a partir das referências e alusões a costumes, práticas sociais e políticas. Para Curreri (2008, p. 155), por mais incômodas que sejam, as *pinocchiate* fascistas fazem parte da história da Itália e como tal devem ser analisadas.

5 Considerações finais

Nas primeiras décadas do século XX, na Europa, ao mesmo tempo em que era feita a defesa do progresso e da liberdade, se estabeleciam políticas para as quais não havia parâmetros na modernidade. Buscar nexos entre a literatura para infância e a formação da criança, tendo por elo a ascensão de regimes autoritários, auxilia na compreensão da permeabilidade a que está sujeita a literatura dirigidas aos pequenos.

Nos textos derivados de *Pinóquio* publicados com a finalidade expressa de arregimentar jovens para as fileiras do regime fascista a transformação de Pinóquio não ocorre em nível emocional (amadurecimento) e físico (de boneco para menino de verdade) como na estória original, mas em nível ideológico: Pinóquio passa de boneco irreverente para um exemplar *balilla*, os meninos treinados pelo regime, ou se transforma em eficiente defensor das conquistas africanas da Itália. A apropriação da imagem do boneco pelo regime fascista foi de tal maneira valorizada que quando a aparição de personagens norte-americanos nos jornais

italianos foi vetada pelo Estado, Pinóquio assumiu o lugar de herói em estórias que remetiam ao faroeste estadunidense.

O fato de Pinóquio protagonizar peripécias sem fim favoreceu amplamente sua adaptação em novos enredos dentro do gênero de aventura. Já a forma como se deu sua apropriação pelo regime fascista é menos óbvia, afinal, Pinóquio cumpre uma trajetória de certa maneira libertária na busca por autonomia e falar em liberdade e autonomia como princípios de ordenamento da infância fascista resulta em descompasso. Por isso mesmo, por esta tensão que aparentemente causa, as recriações fascistas de *Pinóquio* são tão surpreendentes. Se o que rege a trajetória de formação em *Pinóquio* é a oposição entre liberdade e controle, nas *pinocchiate* fascistas o boneco transita entre ativismo e ordem, desenvolvendo ações que mesclam violência e obediência patriótica, que podem ser sintetizadas pela máxima “o fim justifica os meios”, tão cara aos regimes autoritários.

Referências

CAMBI, F. **Collodi, De Amicis, Rodari. Tre immagini d'infanzia.** Bari: Edizioni Dedalo, 1985.

COLLODI, C. **Pinocchio.** Milão: Giangiaco Feltrinelli Editore, 2014.

CURRERI, L. **Pinocchio in camicia nera. Quattro “pinocchiate” fasciste.** 2. ed. Cuneo: Nerosubianco, 2011.

CURRERI, L. **Play it again, Pinocchio. Saggi per una storia delle “pinocchiate”.** Bergamo: Moretti & Vitali, 2017.

D'ARCAIS, P. F. Fascismo e Berlusconismo. **Novos estud. – CEBRAP**, São Paulo, n. 91, 2011. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000300003. Acesso em jul. 2020.

DUGGAN, C. **História concisa da Itália.** Tradução de Natália Petroff. São Paulo: Edipro, 2016.

GRIFFIN, R. **The nature of fascismo.** New York: Routledge, 1991.

HANSEN, P. S. A literatura infantil no Brasil e em Portugal: problemas para a sua historiografia. **Sarmiento** n. 20, 2016, p. 133-161. Disponível em: https://www.academia.edu/31275400/A_literatura_infantil_no_Brasil_e_em_Portugal_problemas_para_a_sua_historiografia_Children_s_literature_in_Brazil_and_Portugal_historiography-related_problems. Acesso em mai. 2020.

INACIO, J. V. **Pinóquio no Brasil: estudo dos paratextos das traduções do século XXI.** 2018. 231 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193914>. Acesso em jun. 2020.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira. História e Histórias**. 6. Ed. SP: ed. São Paulo: Ática, 2007. *Ebook*. Disponível em: https://www.academia.edu/33861303/Marisa_lajolo_regina_zilberman_literatura_infantil_brasileirahistoria_e_historiasdocevy. Acesso em jun. 2020.

MOSSE, G. **The Fascist Revolution: Toward a General Theory os Fascism**. New York: Howard Fertig, 1999.

NETTO, H. S. P. **Fatta l'Italia bisogna fare l'italiano. Carlo Lorenzini, pseudônimo Collodi: patriotismo, humor e desencanto**. 2020. 315 p. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/205426>. Acesso em jun. 2020.

PELUFFO, N. **Le avventure di Pinocchio: narrativa transmediale e parodia**. 2019. 257 p. Tese (doutorado em Letteratura e media: narrativa e linguaggi) – Libera Università di Lingue e Comunicazione, IULM, Milão. Ano acadêmico 2017-2019. Disponível em: <https://apeiron.iulm.it/handle/10808/28183#.X5rO94hKjIU>. Acesso em jul. 2020.

POETTINGER, M. **Pinocchio, un burattino in liberta nell'italia di fine ottocento**. Università Bocconi, Milão, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/1905202/Pinocchio_Un_burattino_in_libert%C3%A0_nellItalia_d_i_fine_Ottocento. Acesso em jul. 2020.

SASSOON, D. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Tradução de Clovis Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

VERCAUTEREN, K. **Le avventure di Pinocchio durante il ventennio fascista**. 2010. 79 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura franco-italiana) – Faculteit Letteren, Wijsbegeerte, UGENT, Gent. Ano acadêmico 2009-2010. Disponível em: https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/001/457/878/RUG01-001457878_2011_0001_AC.pdf. Acesso em mai. 2020.

Recebido em: 01 de agosto de 2020

Aceito em: 13 de outubro de 2020

Publicado em dezembro de 2020